

YVONNE A. PEREIRA

AMOR E ÓDIO

Pelo Espírito

CHARLES



SUMÁRIO

In Limine 7

PRIMEIRA PARTE:

1	11
2	21
3	31
4	43
5	55
6	69
7	83
8	95

SEGUNDA PARTE:

O ACIDENTE	105
1	107
2	119
3	147
4	163
5	173

TERCEIRA PARTE:

CONSOLADOR	195
1	197
2	211
3	223
4	241
5	251
6	271
7	277
8	295

QUARTA PARTE:

O PASSADO	305
1	307
2	323
3	341
4	349
5	363

QUINTA PARTE:

O DISCÍPULO DE ALLAN KARDEC	375
1	377
2	389
3	399
Conclusão	409



IN LIMINE

Dedico este livro à Juventude Espírita do Brasil, quando se comemora o centenário de uma aurora de redenção para as sociedades terrenas, isto é — o aparecimento de um manancial de ensinamentos que as dessedentará nas justas aspirações da alma — *O livro dos espíritos*, expoente da Nova Revelação.

Não te oferto — ó mocidade generosa e idealista da terra de Santa Cruz, que te inspiras à sombra do Evangelho, e em cujos ombros repousam vultosas responsabilidades! — obra de mérito, joia literária como esperarías do Além-túmulo e realmente mereces. Não tendo sido escritor na Terra, senão apenas um facultativo que transitou pelos canais da Medicina na época em que a magna ciência não era abrilhantada com as descobertas e aperfeiçoamentos dos dias atuais — também o não poderia ser na Pátria espiritual, onde, se milito nos arraiais das Belas-Letras, sussurrando aos cérebros médicos ensaios literários, faço-o apenas no desejo de ser útil, valendo-me de temas educativos deparados aqui e além, uma vez no desempenho de sagrados compromissos com uma falange de educadores espirituais destacados para os serviços de reforma individual-social no imenso torrão brasileiro.

Para a presente obra, adaptada ao testamento do Cristo — tais as normas da aludida falange —, preferi valer-me de um tema da vida real, por mais lógico e sugestivo para os fins a que me proponho. Não te oferto, portanto, uma ficção, mas episódio dramático vivido há um século apenas, ao qual eu próprio assisti nas derradeiras etapas da minha última peregrinação terrena. Necessariamente, intercalei o romance nas páginas da realidade, a fim de que o teu coração delicado não se confrangesse demasiadamente, ante a bruteza dos fatos em si



mesmos, convidando-te a fechar o livro antes que sua moral fosse devidamente exposta. Todavia, declaro-te que a Quarta Parte deste volume foi integralmente vazada no aparelho mediúnico tal como a ouvi do próprio narrador; e que esse Gaston, a quem te habituarás a querer no decorrer da leitura, hoje reencarnado em terras do Brasil, poderá até mesmo vir a ler a sua própria história nestas páginas, pois, como tu, é jovem, coração e mente alcandorados pelas alvíssaras da Doutrina dos Espíritos. Conheci-o na França de Luís Filipe. E, conquanto não se tratasse de um titular, como aqui o coloco, mas de inspirado artista do verso e da música, foi, efetivamente, aluno gratuito do professor Rivail, operoso profissional tipográfico, merecendo a confiança do Sr. Victor Hugo para a composição das suas peças. Muitos nomes que ilustraram a literatura francesa da época recebiam de suas mãos os poemas encomendados, bem assim discursos em boa prosa e arrebatadoras canções musicadas, aos quais assinavam e publicavam como se de sua lavra fossem, validando ainda mais, assim, a glória de que se ufanavam, enquanto o verdadeiro autor, paupérrimo, de suas bolsas obtendo a remuneração, apenas era felicitado por sua pobre mãe, a quem adorava, e da qual era o único arrimo! Uma infeliz paixão de amor por certa dama da aristocracia ensejou o drama que motivou estas páginas. Acusado de crimes que não praticou, vítima de represálias odiosas, viu-se relegado a um degredo aviltante pela força imperialista de Napoleão III... e certamente teria sucumbido à pena última não fosse a intervenção generosa de Rivail. No mundo astral, em dia festivo para o Reformatório da Legião dos Servos de Maria, onde tenho a honra de professar ao lado de nobres vultos da Espiritualidade, ele próprio narrou a sua história, precisando detalhes que desconhecíamos, às vésperas de se internar em novas formas carnavais, há cerca de vinte anos. Fê-lo por solicitação do grande Hugo, de quem foi inseparável no Além-túmulo, e por quem até ali fora conduzido em visitação fraterna. Peço-te vênica — Juventude Espírita do Brasil — para alterar, em teu benefício, o epílogo deste drama. Não perderás com isso... e, quanto a mim, assim agindo, estarei certo de que, terminada sua leitura, fecharás o livro com um sorriso amável para este amigo que, no Espaço, assumiu grandes compromissos para contigo...

CHARLES
Rio de Janeiro, 1957.

PRIMEIRA PARTE

Um certo homem tinha dois filhos. O mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E o pai lhe repartiu a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou sua fazenda, vivendo dissolutamente.

(Jesus Cristo – Parábola do Filho Pródigo
– LUCAS, 15:11 a 13.)





1

Gaston de Saint-Pierre!

Em Paris, nos salões aristocráticos que a nobreza do tempo de Luís Filipe¹ engalanava com a elegância e o bom gosto cuja fama se estenderia à posteridade com fulgores inesquecidos — esse nome ressoava como símbolo de gentilezas e esplendor!

Gaston de Saint-Pierre!

Que gentil-homem mais cortejado do que esse a quem chamavam “o divino Apolo”;² na França de Luís Filipe? Que cavalheiro de mais elevada distinção ou mais completos dotes intelectuais?... Oh! e que mais perfeita formosura do que a do seu porte másculo de mancebo, que aos 20 anos se via rogado a posar para pincéis de renome, como tipo impecável para traduzir a perfeição imortal do Apolo de Belvedere?...³

Gaston d'Arbeville, marquês de Saint-Pierre, ídolo bajulado e invejado, em toda a parte se via requisitado como personagem

¹ N.E.: último rei da França, governou de 1830 a 1848.

² N.E.: deus da beleza, da perfeição, da harmonia, do equilíbrio e da razão.

³ N.E.: famosa estátua de mármore representando o deus grego Apolo, que faz parte do acervo do Museu Pio-Clementino, um dos museus vaticanos. Sua datação e autoria são disputadas e sua procedência é desconhecida, mas geralmente é considerado uma cópia romana de um original grego que se perdeu. Redescoberto no Renascimento, o *Apolo* foi exposto no *Cortile del Belvedere* do Vaticano a partir de 1511, e dali recebeu seu nome. Durante muito tempo foi considerado a representação ideal da perfeição física masculina e uma das mais importantes relíquias da Antiguidade clássica.



indispensável e sedutora. Belo, elegante, gentilíssimo de maneiras, ao mesmo tempo que muito culto e possuidor de uma “verve” atraente, era com facilidade que fascinava as mulheres, as quais aos seus caprichos se rendiam escravizadas; ao passo que suas riquezas, por sua vez, cativavam as atenções do elemento masculino, pelo qual se via servilmente adulado. Sobre quantos o rodeavam, no vasto círculo de suas relações, exercia fascinação irresistível — semideus que atraía o fervor de uma multidão de crentes!

Gaston d’Arbeville descendia de velha família normanda, honesta e conceituada, que recebera foros de nobreza das poderosas mãos do cardeal duque de Richelieu,⁴ graças aos serviços a este prestados pelos D’Arbeville quando o mesmo grande ministro de Luís XIII⁵ achou por bem moderar a prepotência dos senhores feudais a fim de unificar a França em torno da Coroa. Era normando também e no encantador ambiente da província natal permanecera grande parte da infância, transportando-se depois para a capital do reino, a fim de aprimorar a educação que seus pais lhe desejavam dar. Em Paris, fora discípulo, primeiramente, do eminente e jovem professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, a quem glorioso futuro deveria immortalizar sob o pseudônimo de Allan Kardec. Mas depois, a conselho deste, aperfeiçoara seus estudos por várias capitais da Europa, o que fez que abrilhantasse as capacidades intelectuais com tão peregrinos e sólidos conhecimentos que dificilmente se encontraria mancebo de sua idade que se lhe avantajasse em instrução; ao passo que nos conservatórios e academias da Itália penetrara os sublimes segredos da Arte e se fizera músico exímio e pintor inspiradíssimo.

Tocava, com desenvoltura verdadeiramente digna da sua época, o piano e a flauta. Porém, era a harpa o seu instrumento preferido.

⁴ N.E.: Armand Jean du Plessis (1585–1642), cardeal de Richelieu, duque e político francês e primeiro-ministro de Luís XIII de 1628 a 1642; foi arquiteto do absolutismo na França e da liderança francesa na Europa.

⁵ N.E.: Luís XIII de Bourbon (1601–1643), chamado *O Justo*, foi rei de França e Navarra entre 1610 e 1643. Sua imagem está inseparavelmente ligada a de seu primeiro-ministro, o cardeal de Richelieu, que lhe ajudou na reorientação da monarquia francesa.



Amor e ódio

Compositor e poeta, produzia, ele próprio, as canções e *romanzas*⁶ para o seu repertório, empolgado por vero idealismo, numa época em que os sopros divinos da inspiração, lídima centelha do belo, deram aos gênios da música a glória que os imortalizaria, imprimindo, assim, também ele, nessas produções, uma feição de tão sagrado padrão idealista que teria passado à História com as palmas do gênio, se a trajetória da sua existência não fora traçada pela irresistível Lei que pesa os destinos das criaturas por meio das causas produtoras de efeitos lógicos.

Quando cantava, fazendo-se acompanhar aos sons da harpa, sua voz aveludada de tenor, rigorosamente educada, fazia lembrar cenas festivas daquelas reuniões de Arte Clássica levadas a efeito em esferas educativas do mundo espiritual; ao passo que, muitas vezes, após dias recolhidos em abençoadas operosidades, apresentava aos amigos surpresos telas tão formosas quanto sugestivas, como artista do pincel que também era. Tão culto e inspirado no verdor dos anos, dir-se-ia o moço normando arrastar de existência precedente os sólidos conhecimentos que possuía, parecendo bastar diminuto esforço da vontade para que de suas faculdades revivescessem os cabedais arquivados nos sacrários da subconsciência.

Excetuando-se as Artes e os esportes, que também cultivava, pois se dedicava com mestria à equitação e à esgrima, como bom elegante da época, só se preocupava a mais com caprichos e deveres sociais.

Tão admirável personalidade parecia, no entanto, presa de singular complexo, porquanto, senhor de um caráter generoso, facilmente inclinado aos ditames do bem, por outro lado se fazia presa do mal, deixando-se resvalar para declives de excessos prejudiciais, que empanavam desagradavelmente o cintilante pendor anunciado. Dir-se-ia mesmo que temerosa dualidade lhe forçava o desvio das ações, que ele próprio antes desejaria orientadas retamente, qual se invisível comparsa obsessora

⁶ N.E.: na Idade Média, poema em língua românica, em oposição ao poema em latim, cuja temática é o amor cortês e o amor paixão (lírica) ou a troça (sátira); romance.





Yvonne A. Pereira / Charles

— quiçá um inimigo de remoto pretérito espiritual — porfiasse por lhe dirigir as atitudes para os níveis da perdição. Assim era que, possuindo ouro, sua maior preocupação era despendê-lo em festas opulentas e libertinagens incontidas, cometendo excessos de toda natureza!

Não obstante, envolvia-se em política, pois vivia-se a época em que ideias republicanas se avigoravam para derribarem Luís Filipe do poder e se proclamar na França a República honesta sonhada por um pugilo de nobres idealistas. D'Arbeville aderira aos republicanos e se integrara galhardamente no corpo de associações poderosas, como a Maçonaria e grêmios políticos que mais tarde apoiaram Luís Napoleão⁷ na supremacia da República. Afeiçoado a tais princípios, o doidivanas que ele era tornava-se, não obstante, digno de admiração. Sincero no seu ideal político, liberal, ardoroso e, no fundo, dotado de formoso caráter inclinado à generosidade e ao heroísmo, à ideia que esposava dedicava grande parte das suas energias e da fortuna que possuía. Fundara jornais, os quais dirigia com nomes supostos, visto que, como aristocrata, vexava-se de afrontar a nobreza com o liberalismo de tais doutrinas; mantinha, por conta própria, funcionários, redatores, oficinas tipográficas, sem medir excessos, antes ainda prodigamente remunerando colaboradores das seções literárias dos seus jornais, a fim de que a suave atração das belas-letas seduzisse para aqueles órgãos o entusiasmo da juventude da Sorbonne e dos Liceus.

Antes, porém, de se instalar em Paris, Gaston de Saint-Pierre viajara por toda a Europa, atingindo até mesmo as regiões geladas da Rússia. As viagens ofereceram-lhe novas experiências e muita audácia. E quando, em certa noite de gala, pela primeira vez, as portas brasonadas do seu palácio do *faubourg* Saint-Germain se abriram para a aristocracia de Paris, já não existia em seu caráter a lenidade encantadora de outrora, capaz de recordar o adolescente da Normandia!

⁷ N.E.: Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão I. Eleito Presidente da República a 10 de dezembro de 1848, tornou-se Imperador graças ao golpe de 2 de dezembro de 1852, tendo governado a França, sob o nome de Napoleão III, até 1870.





Iniciou-se nessa noite uma vida dissoluta. A candura da alma, que não é a inocência, mas a moral, perdeu-a ele entre o turbilhão dos prazeres a que se entregou. Sobrepuñham-se os excessos, cumulando-o de responsabilidades. Os prazeres mal dirigidos pervertiam-lhe a reputação, comprometendo-lhe também a honorabilidade pessoal. As companhias más, falsos amigos que pululam ao redor do incauto farejando arruiná-lo, quais moscas à roda do monturo, tentavam-no, arrastando-o para precipitosos desvios. O jogo absorveu-o. A vaidade de se mostrar invencível nas partidas para que se via tentado, levava-o a desbaratar seus imensos cabedais. E o luxo principesco de que se cercava, as imprudentes prodigalidades que praticava, parecendo juguete de sugestões perniciosas provindas da mente obsessora de algum inimigo do Invisível, e, finalmente, a vida execrável que Paris lhe proporcionava, carcomiam, de dia para dia, as preciosas sementes das virtudes que sua mãe, a senhora Assunción d'Arbeville, entre beijos e conselhos lhe introduzira na alma, ao pé do berço, nos aprazíveis dias da infância e ao alvorecer da juventude.

Do fundo da velha e tradicional Normandia, no entanto, trimestralmente vinha um correio. Era o mordomo do marquês de Saint-Pierre, seu pai. O antigo servo, Michel Blanchard, quase tão nobre quanto o velho fidalgo provinciano, dentro da sua dignidade verdadeiramente senhorial, trazia fundos, presentes e cartas. Os presentes partiam da incansável solicitude materna, que em vão convidava o ausente a uma estação de repouso na quietação do berço natal; as cartas eram epístolas do senso paterno, que invariavelmente advertiam o ingrato nestes termos:

“Meu filho,

Os nossos tabeliães de Paris advertiram-me de que as tuas retiradas bancárias foram excessivas no último trimestre. Considera, meu rapaz, que isso é bastante grave, pois elevas tuas despesas às de um príncipe, quando a prudência aconselha a moderação dos prazeres,





Yvonne A. Pereira / Charles

para não vires a comprometer o futuro. Não tenciono privar-te das naturais alegrias próprias da mocidade. Todavia, aconselho-te a pensar seriamente nos dias porvindouros, a fim de não lamentares mais tarde os excessos atuais. Vem à Normandia visitar-nos. Sofremos com tua prolongada ausência e tudo em nossa aldeia relembra à nossa saudade a tua pessoa querida. Repito, meu filho: o balanço do último trimestre assustou-me! Vem sem demora. Tua mãe aflige-se e chora constantemente. Urgente será que escolhas a noiva que te convenha e te cases sem mais delongas, a fim de que as responsabilidades do matrimônio te outorguem moderação nos costumes. E necessário se faz que nos compreendas e modifiques tua conduta, para que se não derrua nossa casa nem se avilte a tua reputação.”

Todavia, Gaston não atendia aos rogos dos bondosos pais. Desculpava-se fragilmente com aqueles que lhe haviam dado o ser e continuava grilhetado às teias da letal sedução que o intenso burburinho da capital sobre si mesmo exercia.

Um dia o mordomo chegou ao seu palácio de Saint-Germain carregando significativo crepe nos vestidos, de frente carregada e semblante abatido. O moço fidalgo fizera-o entrar até o gabinete em que repousava e recebeu-o alegremente, sem atentar no luto que envolvia o velho servo.

Havia Gaston terminado a primeira refeição, à chegada de Blanchard. Eram duas horas da tarde. Na véspera, ruidoso festim em casa de um dos seus amigos levava-o a passar insone a noite toda, deprimindo-lhe as energias corporais. Mas nem por isso se sentia aborrecer. Esse admirável Gaston de Saint-Pierre possuía, a mais, a extraordinária qualidade de jamais mal-humorar-se. Risonho e amável, como sempre, fez sentar o velho servo ao pé dele e, depois das naturais efusões do primeiro momento, foi dizendo com despreocupação:

— Mas... que bons ventos te impeliram da nossa Normandia, caro Michel, antes do trimestre vencido?... Com que então te convenceste,





finalmente, de que Paris é preferível à insuportável placidez da nossa pobre Saint-Pierre?...

Blanchard suspirou significativamente, e Gaston ouviu-o retorquir à interrogação com um acento de tão profunda angústia, que, mau grado seu, só então percebeu o aspecto grave do mordomo de seu pai:

— Não estou a passeio, senhor! Motivos gravíssimos trazem-me à vossa presença!...

Impressionado e sério, aquele a quem a pieguice dos bajuladores cognominou também de “o formoso D’Arbeville” sentou-se no canapé em que se recostara, só então reparando nos crepes que envolviam seu antigo pajem.

— Ó Michel! Que fazes em Paris, por Deus!... Vejo-te coberto de luto... Sucedeu-nos, porventura, alguma desgraça, Michel?... E minha mãe?... Oh, como está minha mãe?!...

Segurou o servo pelo braço, emocionado, aflito. Calmamente, o mordomo respondeu:

— A senhora marquesa desfruta boa saúde, senhor!

— Então, e este luto?... Que significam tais delongas?...

— Guardo luto por vosso pai, senhor, o mui nobre marquês D’Arbeville de Saint-Pierre, meu amo...

Como se o fragor de uma faísca elétrica o atingisse, o jovem D’Arbeville pôs-se de pé, meio alucinado:

— Pois quê?... Meu pai?... Meu pai, morto?... Não é possível, Michel, não pode ser!... Oh, meu pobre pai!... Não pode ser, meu Deus, não pode ser! Meu pobre e querido pai!...



Suas lágrimas foram sinceras. Gaston amava profundamente o pai. A desobediência em que vinha incorrendo não excluía do seu coração a ternura por aqueles que lhe haviam dado o ser. Sofreu com o inesperado da fúnebre notícia e seu coração angustiava-se, enquanto a consciência o acusava das ingratidões contra o pobre velho que tanto o quisera rever no solar onde nascera, a seu lado experimentando o labor saudável das criaturas destituídas de ambições; que clamara saudades, queixando-se do insulamento angustiante com que a ausência do filho infelicitava sua vida; que lamentara vezes sem conto a indiferença desse filho em atender às súplicas dos pais que antes desejariam vê-lo de retorno aos seus braços, saudosos de estreitá-lo contra o coração! E agora, inesperadamente, morria esse pai boníssimo sem beijar uma vez ainda aquele pedaço do seu ser, que lá se deixava ficar, em Paris, e só de longe em longe os visitava; certamente torturado de saudades, aflito durante os espasmos da agonia, pensoso por não poder abençoá-lo, aconselhando-o por uma vez ainda!...

Michel confortou-o com o desvelo a que se habituara dispensar-lhe desde a primeira infância. E quando viu que a violência do choque cedera lugar a uma dor mais concentrada, explicou:

O velho marquês Gaston Augustus d'Arbeville, senhor de Saint-Pierre, falecera havia apenas três dias, após crise momentânea que não ensinara tempo de reclamar a presença do filho para a sua cabeceira. Fora o aneurisma. De há muito vinha o nobre senhor queixando-se de padecimentos do coração. A enfermidade agravava-se diariamente... Até que inesperada contrariedade, penosa e chocante, o fulminara!

Acabrunhado, Gaston, após compreender que o servo terminara a exposição, interrogou pensativo:

— E essa contrariedade, esse choque mortal, que origem teve?...

— Vossa respeitável mãe vo-la explicará em Saint-Pierre, senhor marquês!...



Amor e ódio

— Decerto minha mãe me espera, não é assim, Michel?...

— Roga-vos, em nome de vosso pai, que partais sem demora a Saint-Pierre, a fim de presidirdes aos funerais e selardes o mausoléu, como é tradicional que faça em vossa família o herdeiro do nome...

— Sim, Michel, partamos sem delongas... Meu pobre e querido pai, perdoa-me, perdoa-me!

Na madrugada seguinte partiram.

Profundamente atingido pelo inesperado acontecimento, Gaston passara a noite, febril e insone.

Os crepes foram dispostos nos brasões. As janelas e portões das duas residências que possuía viram-se rigorosamente selados.

O belo marquês fizera participar a alguns amigos o acontecimento que o surpreendera e despedia-se de Paris por prazo indeterminado.

Um desses amigos, certamente o único que o estimava realmente, Georges de Soissons, adido ao corpo da embaixada francesa em certo país estrangeiro, mas casualmente em Paris, na ocasião, acompanhou-o na dolorosa missão de presidir aos funerais, confortando-o qual verdadeiro irmão que se diria ser.

Na mesma noite da sua partida, porém, nos próprios salões dos clubes galantes frequentados por ele, variados comentários surgiam a respeito do seu nome e da morte de seu pai:

— Eis que nossas festas perderão o brilho: nosso “divino Apolo”, enlutado, não fulgirá no Olimpo destas salas a magnificência dos seus encantos! — afirmavam, pesarosas, as mulheres enamoradas.





Yvonne A. Pereira / Charles

— Não será assim! — duvidavam as mais ambiciosas — o querido marquês depressa se aborrecerá da província, não resistirá sequer a três meses de luto... e quando retornar às salas será para nos favorecer melhor, com o ouro da herança...

— Nada! Nada! — atalhavam os homens maledicentes — o pai foi milionário, mas as loucuras do filho arruinaram-no! É lá possível alguma fortuna, grande que seja, resistir a desvarios, como os tem D'Arbeville?...

— Se Gaston d'Arbeville arruinar-se, matar-se-á! — profetizavam os pessimistas dramáticos. — É orgulhoso e ateu. Não enfrentará a ruína! Um caráter como o seu não se resignará à luta pela existência!

Gargalhadas explodiram. Era evidente que o jovem normando não lograra fazer amigos leais em tais ambientes, a despeito das inúmeras gentilezas de que era pródigo. Gaston de Saint-Pierre, arruinado, era novidade a que alguns não davam crédito, mas que outros, invejosos e despeitados, desejavam acontecesse, sem, todavia, aceitarem a possibilidade, por incrível tal se lhes afigurar.

Surgiram, porém, outros assuntos. Lembraram-se de mais alguém a criticar. E o nome do “formoso D'Arbeville”, como o tratavam as damas, não foi mais pronunciado naquela noite...

